



VÍDEO AULA

Uso exclusivo, pessoal e intransferível para o aluno regularmente matriculado no Colégio Mauá.

Fica vedado reproduzir, compartilhar ou fazer uso das imagens e vozes das Vídeo Aulas para outros fins que não relacionados somente às Vídeo Aulas e/ou do Projeto Pedagógico do Colégio Mauá, sob pena de adoção de medidas judiciais cabíveis.

Santa Cruz do Sul, 2020.



SEMANA DE ARTE MODERNA



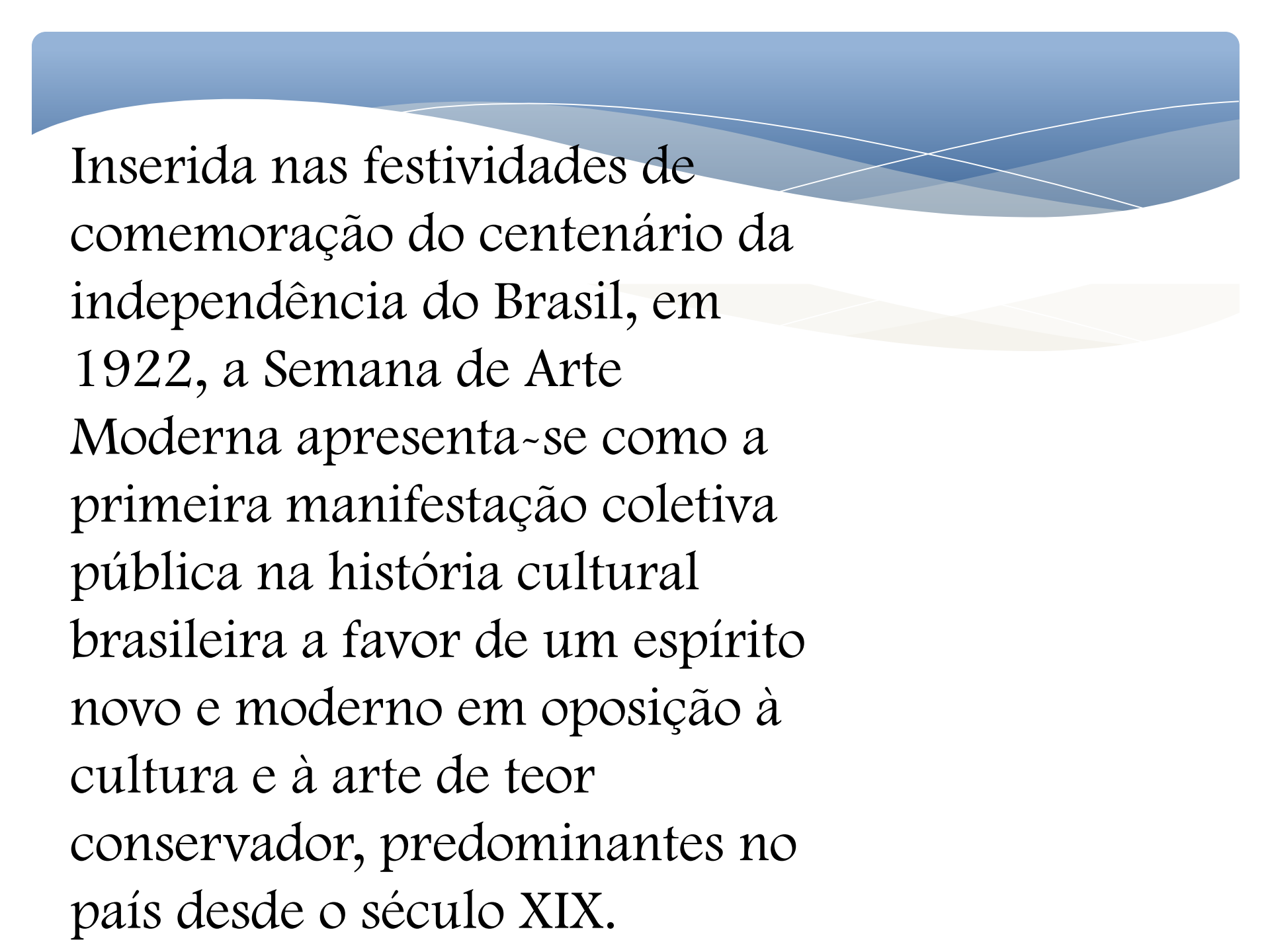
S. PAVLO
1922

Imagem: Cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922 / Di Cavalcanti / Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros - USP - Arquivo Anita Malfatti / <http://www.arquitetonico.ufsc.br/wp-content/uploads/semana-de-arte-moderna-de-1922.jpg>

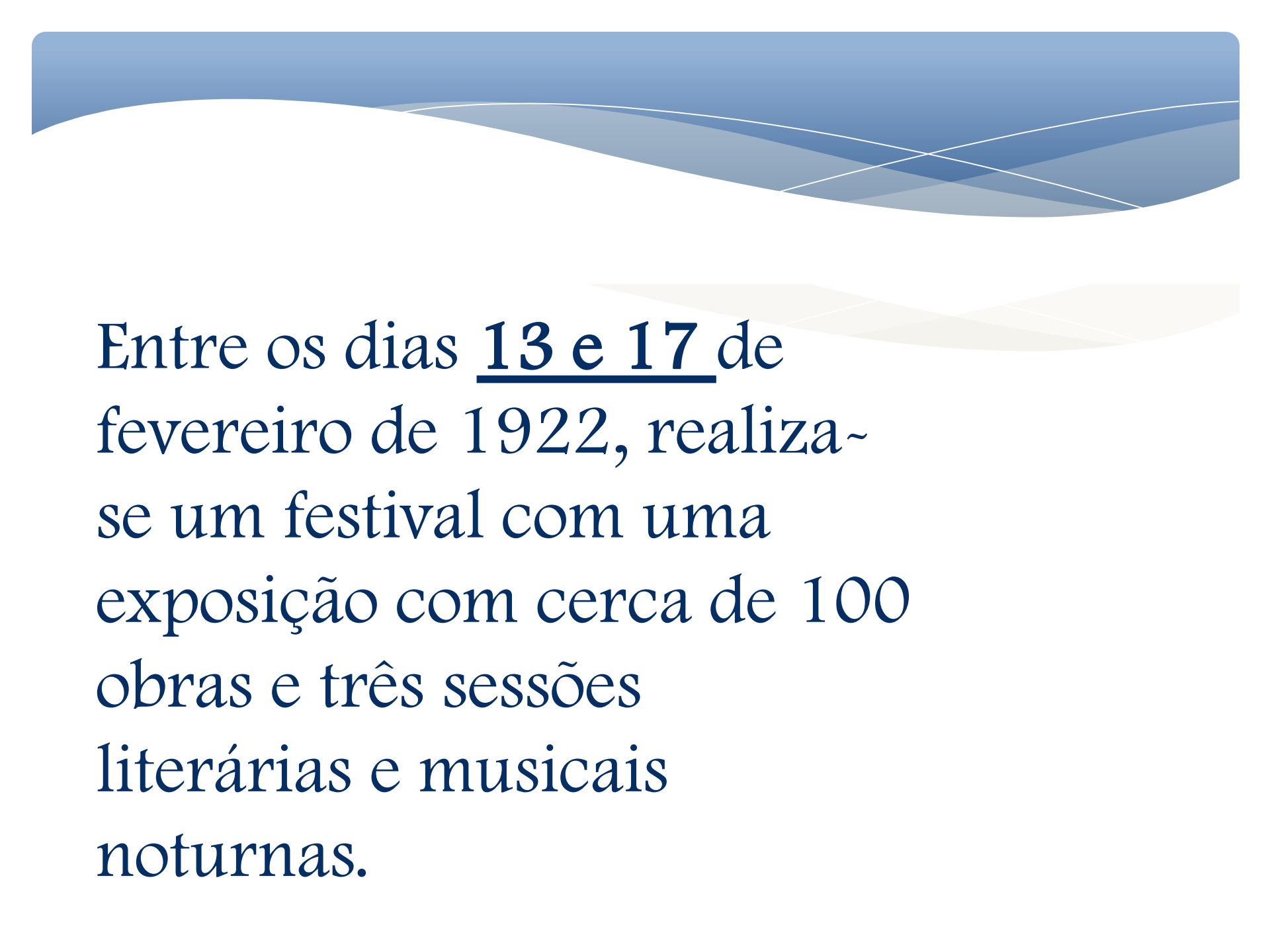




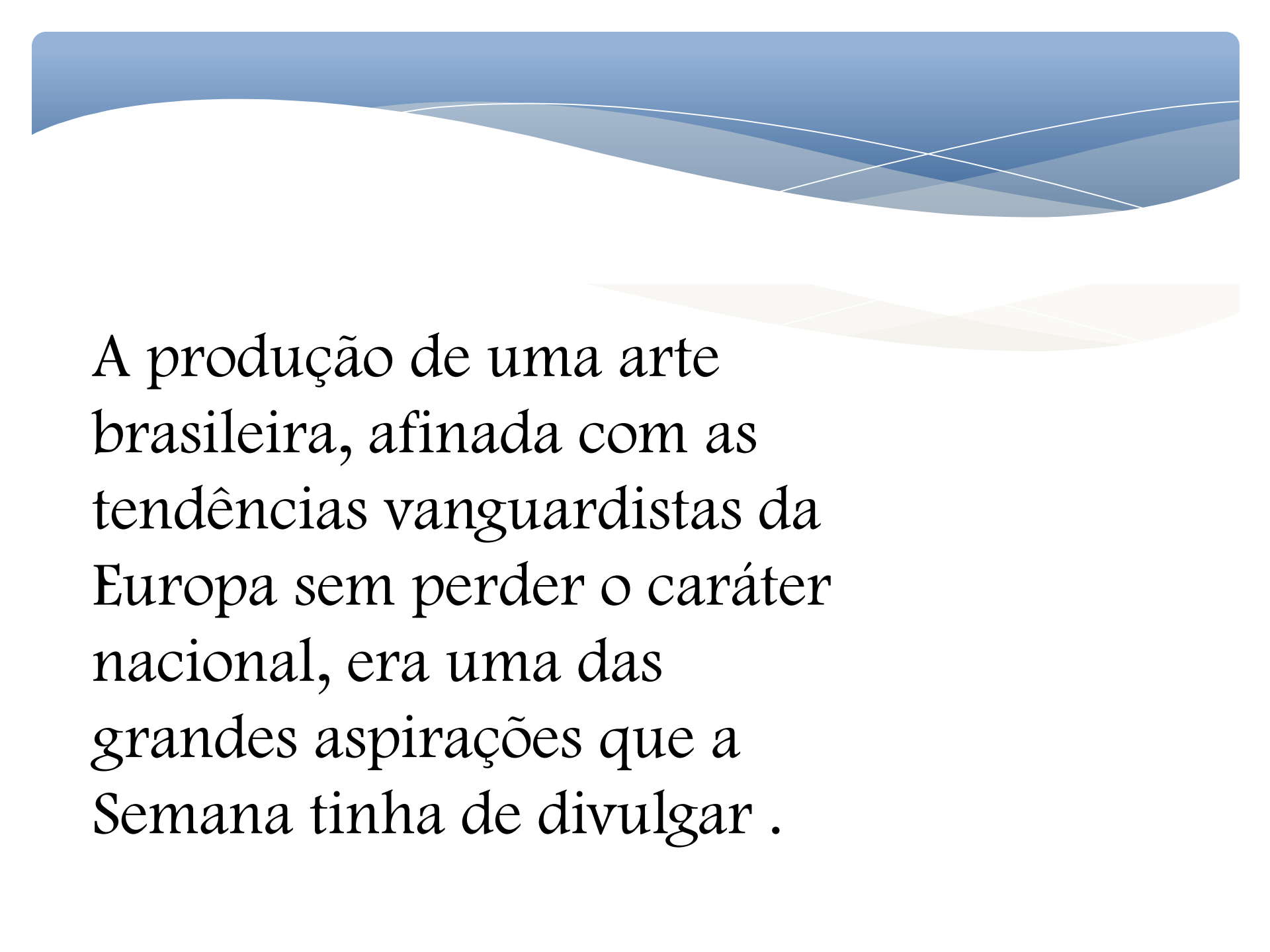
A Semana de Arte Moderna de 22,
realizada no Teatro Municipal de São
Paulo, contou com a participação de
escritores, artistas plásticos, arquitetos
e músicos.



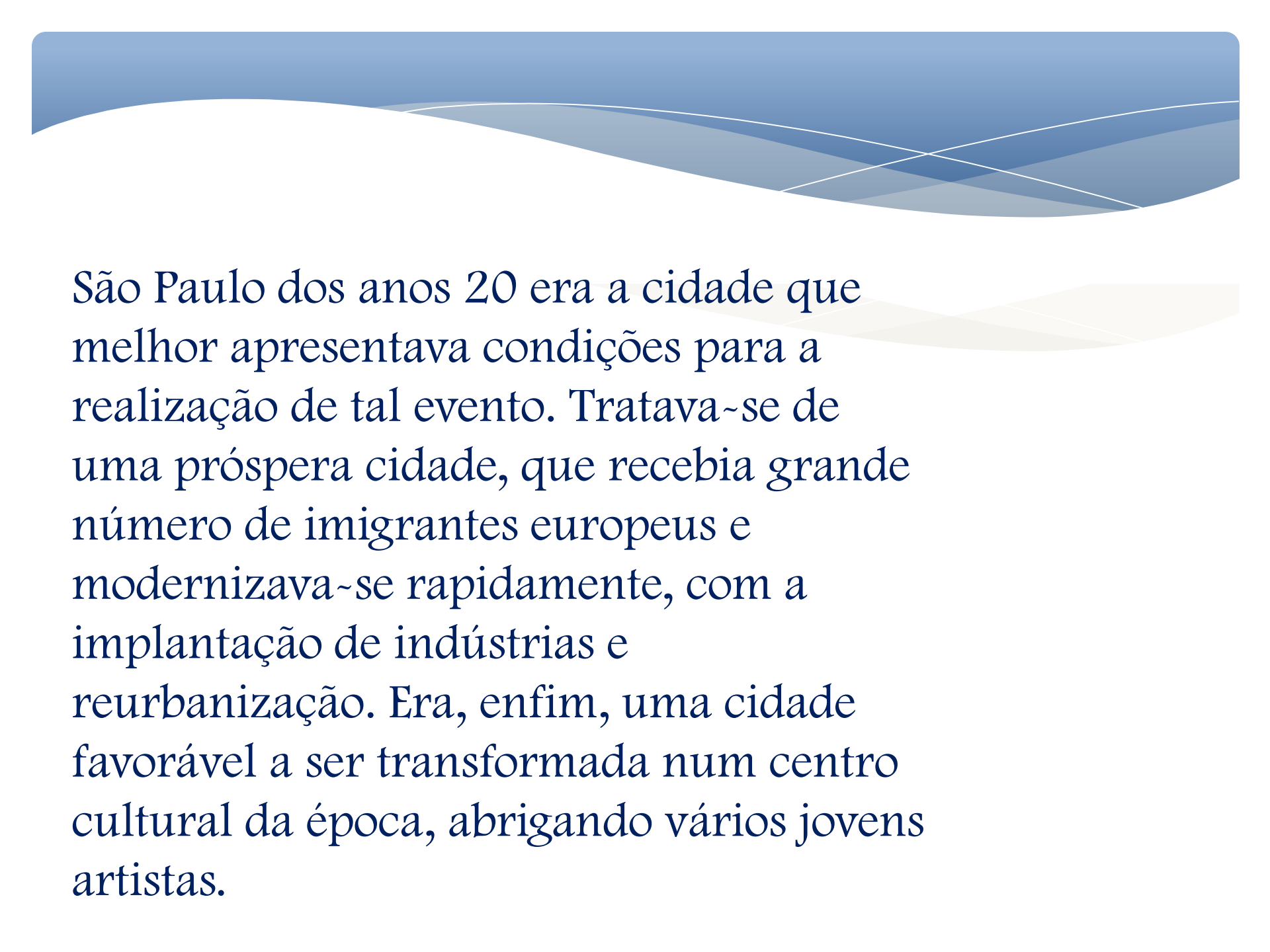
Inserida nas festividades de comemoração do centenário da independência do Brasil, em 1922, a Semana de Arte Moderna apresenta-se como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural brasileira a favor de um espírito novo e moderno em oposição à cultura e à arte de teor conservador, predominantes no país desde o século XIX.



Entre os dias 13 e 17 de
fevereiro de 1922, realiza-
se um festival com uma
exposição com cerca de 100
obras e três sessões
literárias e musicais
noturnas.



A produção de uma arte brasileira, afinada com as tendências vanguardistas da Europa sem perder o caráter nacional, era uma das grandes aspirações que a Semana tinha de divulgar .



São Paulo dos anos 20 era a cidade que melhor apresentava condições para a realização de tal evento. Tratava-se de uma próspera cidade, que recebia grande número de imigrantes europeus e modernizava-se rapidamente, com a implantação de indústrias e reurbanização. Era, enfim, uma cidade favorável a ser transformada num centro cultural da época, abrigando vários jovens artistas.

Elton 2004



Imagem: Caio Guimarães/ Teatro Municipal de São Paulo/ Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 2.0 Generic

1º CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

BRASIL

CORREIO

REIS

150





Esse era o ano em que o país comemorava o primeiro centenário da Independência e os jovens modernistas pretendiam redescobrir o Brasil, libertando-o das amarras que o prendiam aos padrões estrangeiros. Seria, então, um movimento pela independência artística do Brasil.



Os jovens modernistas da Semana negavam, antes de mais nada, o academicismo nas artes. A essa altura, estavam já influenciados esteticamente por tendências e movimentos como o Cubismo, o Expressionismo...



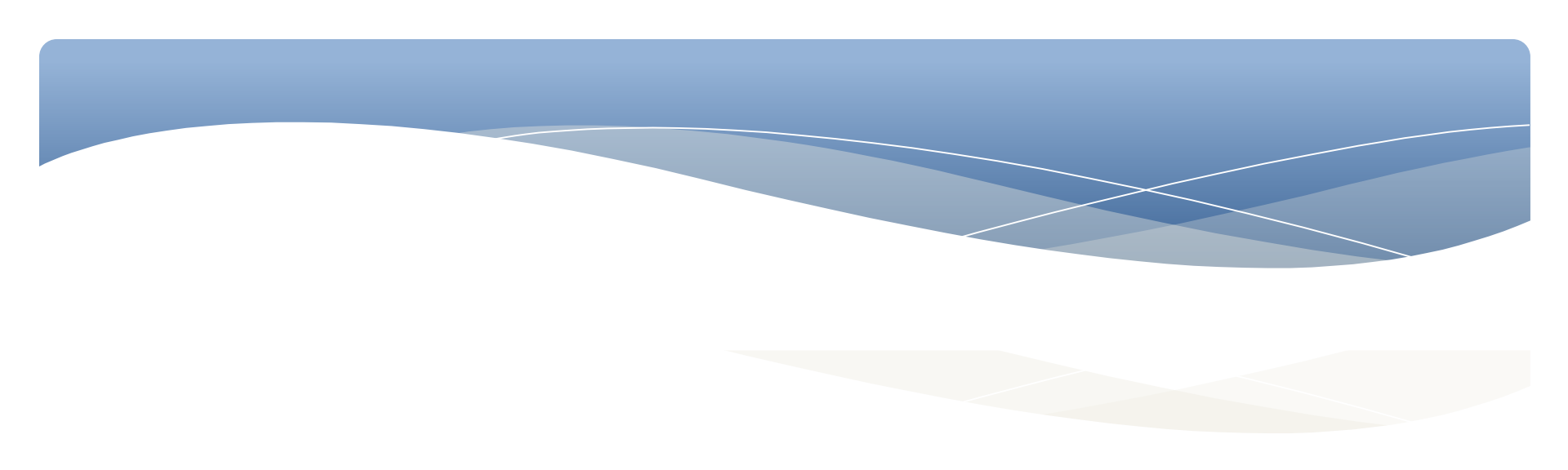
Oswald de Andrade



Menotti del Picchia



Mario de Andrade



Oswald de Andrade, já em 1912,
começa a falar do Manifesto
Futurista, de Marinetti, que propõe “o
*compromisso da literatura com a
nova civilização técnica*”.



Antes dos anos 20, são feitas, em São Paulo, duas exposições de pintura que colocam a arte moderna de um modo concreto para os brasileiros: a de Lasar Segall, em 1913 e a de Anita Malfatti, em 1917.



O Homem Amarelo
Anita Malfatti



A exposição de Anita Malfatti em 1917, recém chegada da Europa, foi outro marco para o Modernismo brasileiro.

As obras da pintora, então afinadas com as tendências vanguardistas do exterior, chocaram grande parte do público, causando violentas reações da crítica conservadora .

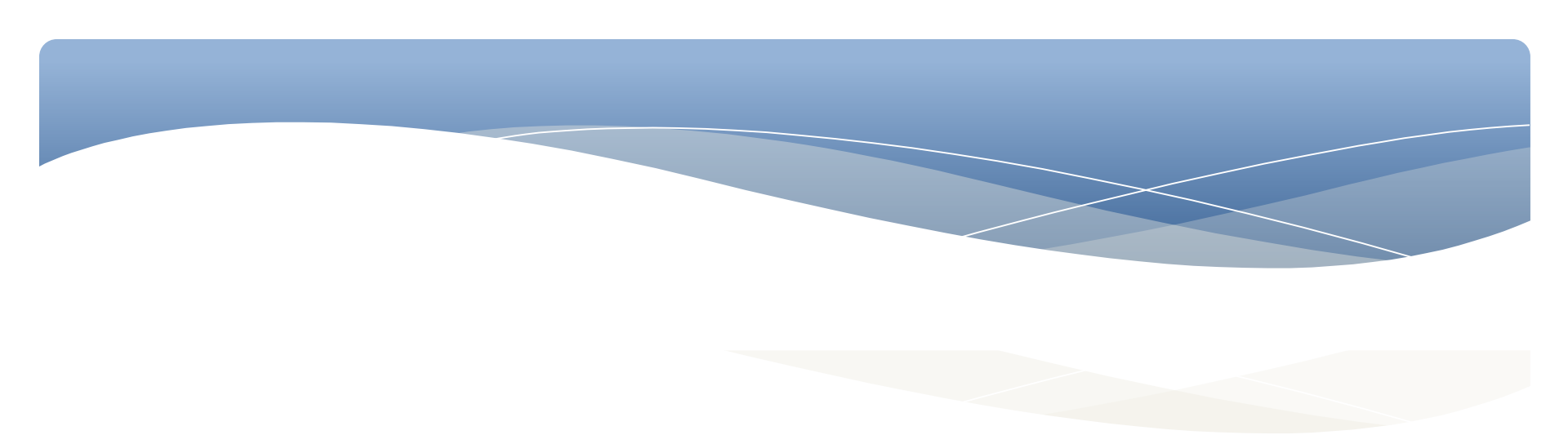


Artigo de Monteiro Lobato para o jornal O Estado de S. Paulo, intitulado: “A propósito da Exposição Malfatti”, publicado na seção “Artes e Artistas” da edição de 20 de dezembro de 1917, foi a reação mais contundente dos espíritos conservadores . Monteiro Lobato, preso a princípios estéticos conservadores, afirma que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude” .



Desde a exposição de Malfatti, artistas de pensamentos semelhantes se agrupavam. Em 1920, por exemplo, Oswald de Andrade já falava de amplas manifestações de ruptura, com debates abertos.

Essa divisão entre os defensores de uma estética conservadora e os de uma renovadora prevaleceu por muito tempo e atingiu seu clímax na Semana de Arte Moderna.



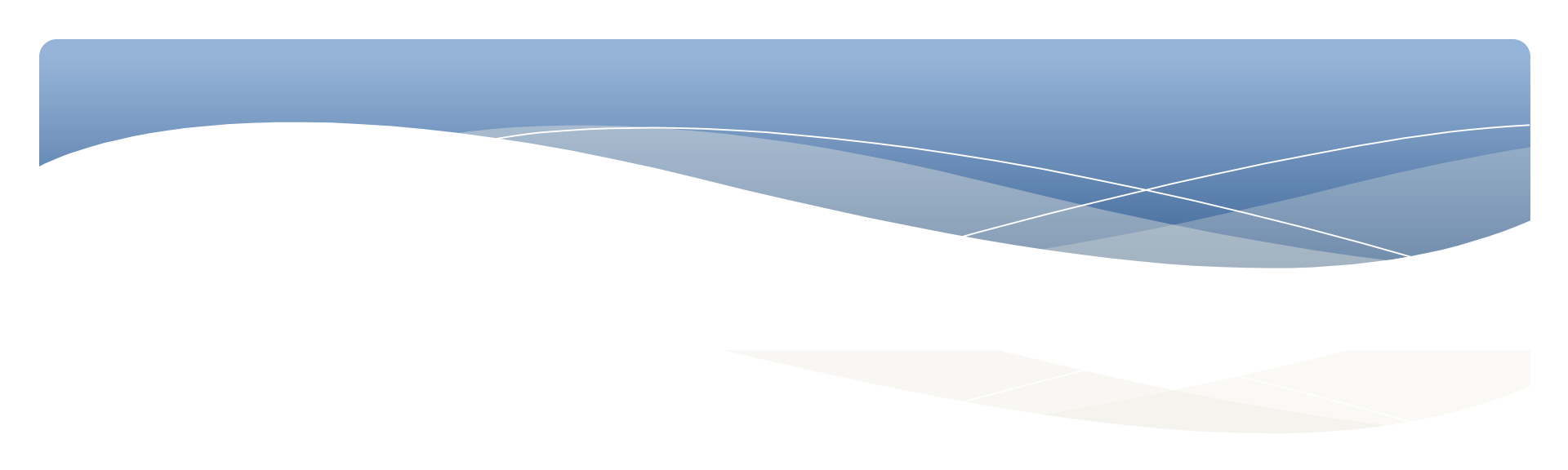
Artistas que iniciaram o Modernismo no Brasil e que participaram da Semana

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Heitor Villa-Lobos entre outros.

Victor Brecheret foi um escultor ítalo-brasileiro, considerado um dos mais importantes. É responsável pela introdução do modernismo na escultura brasileira.



Monumento
às Bandeiras,
sua obra mais
célebre.



A Semana, de uma certa maneira, nada mais foi do que uma ebulição de novas ideias totalmente libertadas; nacionalistas em busca de uma identidade própria e de uma maneira mais livre de expressão.

Não se tinha, porém, um programa definido: sentia-se muito mais um desejo de experimentar diferentes caminhos do que de definir um único ideal moderno.



No interior do teatro, foram apresentados concertos e conferências, enquanto no saguão foram montadas exposições de artistas plásticos, como o arquiteto Antônio Moya e o escultor Vítor Brecheret. Também, os desenhistas e pintores Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Rego Monteiro e Di Cavalcanti.

Theatro Municipal

SEMANA DE ARTE MODERNA

PROGRAMMA DO PRIMEIRO FESTIVAL

SEGUNDA-FEIRA, 13 DO CORRENTE — A's 20.30 horas

1.ª PARTE

Conferencia de Graca Aronhas:

A emoção esthetica na arte moderna. Illustrada com musica encutada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.

Musica de camera

VILLA-LOBOS

1 — Sonata II de violoncello e piano — 1916.

A (Alegro Moderato) — B (Andante) — C (Scherzo) — D (Alegro vivace sostenuto e final).

Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos.

2 — Trio Segundo (1916) violino, cello e piano.

A (Alegro Moderato) — B (Andantino calmo (Berceuse-Bacarelle) — C (Scherzo-Spiritoso) — (Molto Allegro e final).

Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuoso de Lima Vianna.

2.ª PARTE

Conferencia de Ronald de Carvalho:

A pintura e a escultura moderna do Brasil

3 — Solos de piano — Ernani Braga.

(1917) A (Valva Mystica — (Da simples collectores

(1919) B (Camponesa Cantadeira — "Da suite floral".

(1921) C (A Flandreia.

4 Otteto — (Tres danças africanas)

A (Farrapo — (Dançar dos moços) 1914.

B (Kankikus — (Dançar dos velhos) 1915.

C (Kankikis — (Dançar dos meninos) 1916.

Violinos, Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Antio de Almeida Frederico.

Violoncellos, Alfredo Gomes, Baixo, Alfredo Carara Flautas: Pedro Vieira, Clarino: Antio Soares, Piano: Fructuoso de Lima Vianna.

Preços para as 3 recitas:

CAMAROTES e FRISAS, 186\$000

CADEIRAS e BALCÕES 20\$000

Bilhetes à venda no theatro Municipal e na secretaria do Automovel Club de São Paulo.

THEATRO MUNICIPAL

SEMANA DE ARTE MODERNA

Realisou-se hontem no Theatro Municipal o segundo festival da "Semana de Arte Moderna". Uma boa concorrência, para a qual certamente contribuiu em grande parte a inclusão no programma do nome da nossa illustre pianista Guiomar Novaes.

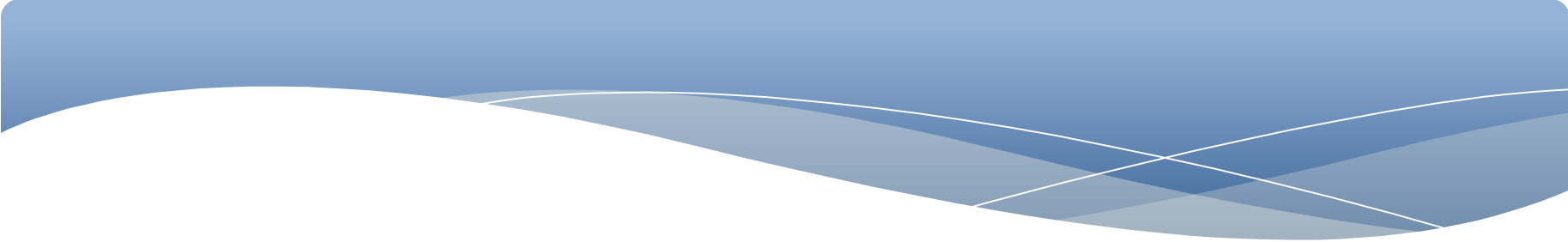
Iniciou-se o sarau com a conferencia do sr. Menotti del Picchia. Pouco a pouco a atmosphera do theatro foi-se transformando com a collabora-ção das galerias, a ponto de lembrar em certos momentos a famosa noite de estrêa de Tórtola Valencia. Talvez isso tambem estivesse nas inten-ções dos promotores da reunião, embora não figurasse no programma. Espontanea manifestação

da galeria ou claque de novo genero, o certo é que as phrases e attitudes menos respeitosas attingiram algumas vezes artistas respeitaveis pelo seu talento e o seu passado, que collaboravam no festival. Mas, para os "verdadeiros modernistas", o passado das nações ou dos individuos não contam... Não se lhes pôde negar, nisso ao menos, uma certa logica...

Só a senhorita Guiomar Novaes conseguiu ser ouvida em silencio profundo, mesmo quando executava esse "archaico musicista" chamado Debussy, naturalmente uma perfeita nullidade para os que querem iniciar a Nova Era...

Amanhan o terceiro e ultimo festival consagra-do ao compositor Villa-Lobos.

A exposição de pintura e esculptura está aberta no saguão do theatro durante o dia.



13/02/22~ Segunda-feira

Casa cheia, abertura oficial do evento.

Espalhadas pelo saguão do Teatro Municipal de São Paulo, várias pinturas e esculturas provocam reações de espanto e repúdio por parte do público.

O espetáculo tem início com a confusa conferência de Graça Aranha, intitulada “Emoção estética na obra de arte“, propondo a renovação das artes e das letras..



Graça Aranha

A emoção estética na arte moderna

Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma aglomeração de “horrores”. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto.

Outros “horrores” vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado. Para estes retardatários a arte ainda é o Belo.

Nenhum preconceito é mais perturbador à concepção da arte que o da Beleza. Os que imaginam o belo abstrato são sugestionados por convenções forjadoras de entidades e conceitos estéticos sobre os quais não pode haver uma noção exata e definitiva.

Cada um que se interrogue a si mesmo e responda que é a beleza? Onde repousa o critério infalível do belo? A arte é independente deste preconceito. É outra maravilha que não é a beleza.

É a realização da nossa integração no Cosmos pelas emoções derivadas dos nossos sentidos, vagos e indefiníveis sentimentos que nos vêm das formas, dos sons, das cores, dos tatos, dos sabores e nos levam à unidade suprema com o Todo Universal. Por ela sentimos o Universo, que a ciência decompõe e nos faz somente conhecer pelos seus fenômenos. Por que uma forma, uma linha, um som, uma cor nos comovem, nos exaltam e transportam ao universal?

Eis o mistério da arte, insolúvel em todos os tempos, porque a arte é eterna e o homem é por excelência o animal artista. O sentimento religioso pode ser transmutado, mas o senso estético permanece inextinguível, como o Amor, seu irmão imortal. O Universo e seus fragmentos são sempre designados por metáforas e analogias, que fazem imagens. Ora, esta função intrínseca do espírito humano mostra como a função estética, que é a de idear e imaginar, é essencial à nossa natureza. (...)

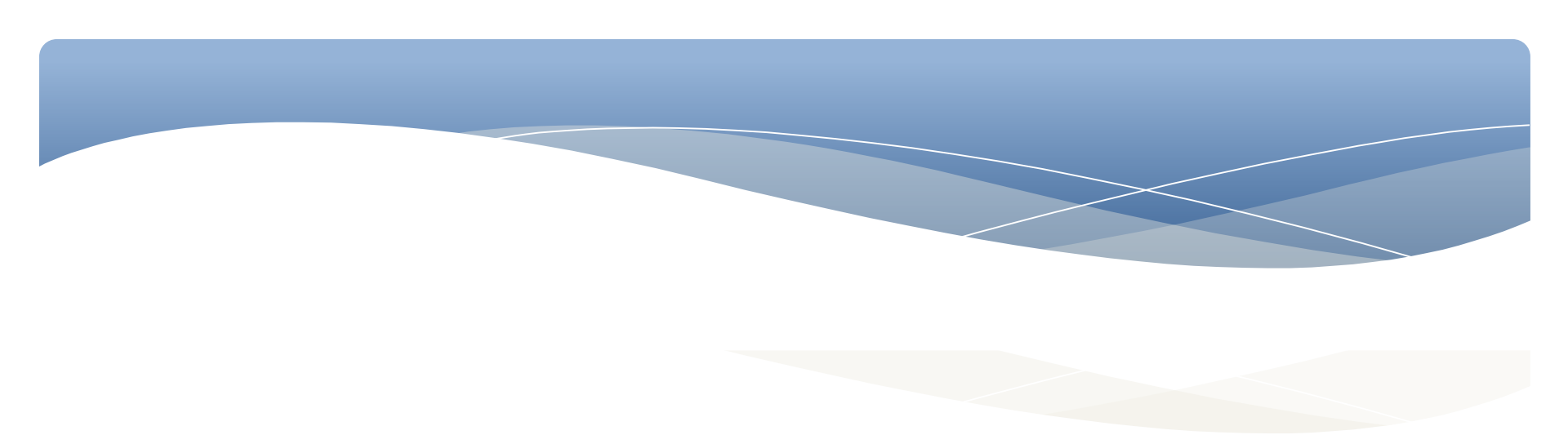


15/02/22 ~Quarta-feira

Palestra de Menotti del Picchia, ilustrada com poesias.

Solos de piano por Guiomar Novaes.

Participação: Oswald de Andrade, Luís Aranha, Tácia de Almeida, entre outros...



Roteiro

1ª Parte

Palestra de Minotti del Picchia, ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Plínio Salgado...

Solos de piano por Guiomar Novaes:

Blanchet: Au jardin du vieux Sérail.

Villa-Lobos: O ginete do pierrozinho.

Debussy: La soirée dans Grenade.

Debussy: Minstrels.

Intervalo

Palestra de Mário de Andrade de Andrade no saguão do Teatro.

2ª parte

Conferência de Ronald de Carvalho: "A pintura e a escultura moderna no Brasil".

Canto e piano por Frederico Nascimento Filho e Lucília Villa-Lobos: Festim Pagão(1919); Solidão (1920); CascavelQuarteto terceiro (cordas, 1916). (1917);

Violinos: Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi.

Alto: Orlando Frederico.

Violoncelos: Alfredo Gomes.



O Municipal estava aberto desde o início da tarde para o público visitar a mostra de artes plásticas e arquitetura, montada no saguão do Teatro.

Diante das telas a reação dominante foi o choque e a indignação. Também as esculturas de Brecheret não mereceram do “respeitável público” outro comentário que não fosse a crítica intolerante e preconceituosa.



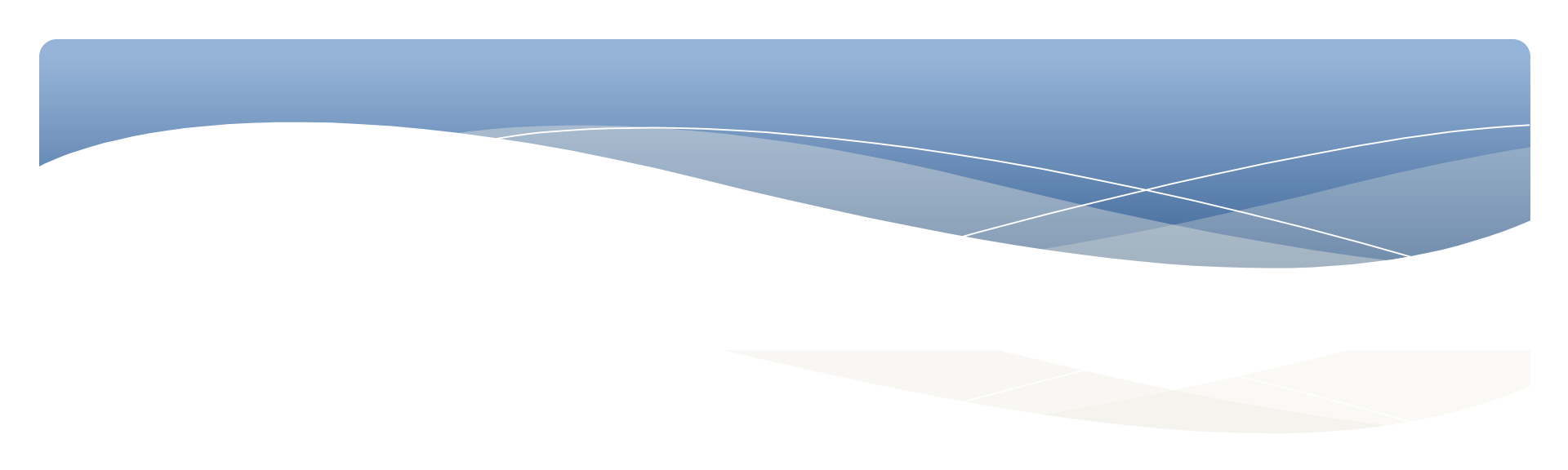
A "atração" dessa noite foi a palestra de Menotti del Picchia sobre a arte estética. Menotti apresenta os novos escritores dos novos tempos e surgem vaias e barulhos diversos (miados, latidos, grunhidos, relinchos...) que se alternam e confundem com aplausos.



A vaia iniciou-se novamente quando Mário de Andrade, em pé na escadaria interna do Teatro Municipal, leu algumas páginas de “A Escrava que não é Isaura”, esboço de um futuro trabalho sobre poética moderna, onde o autor se referia ao "belo horrível" e evocava a necessidade do abasileiramento da língua e da volta ao nativismo.

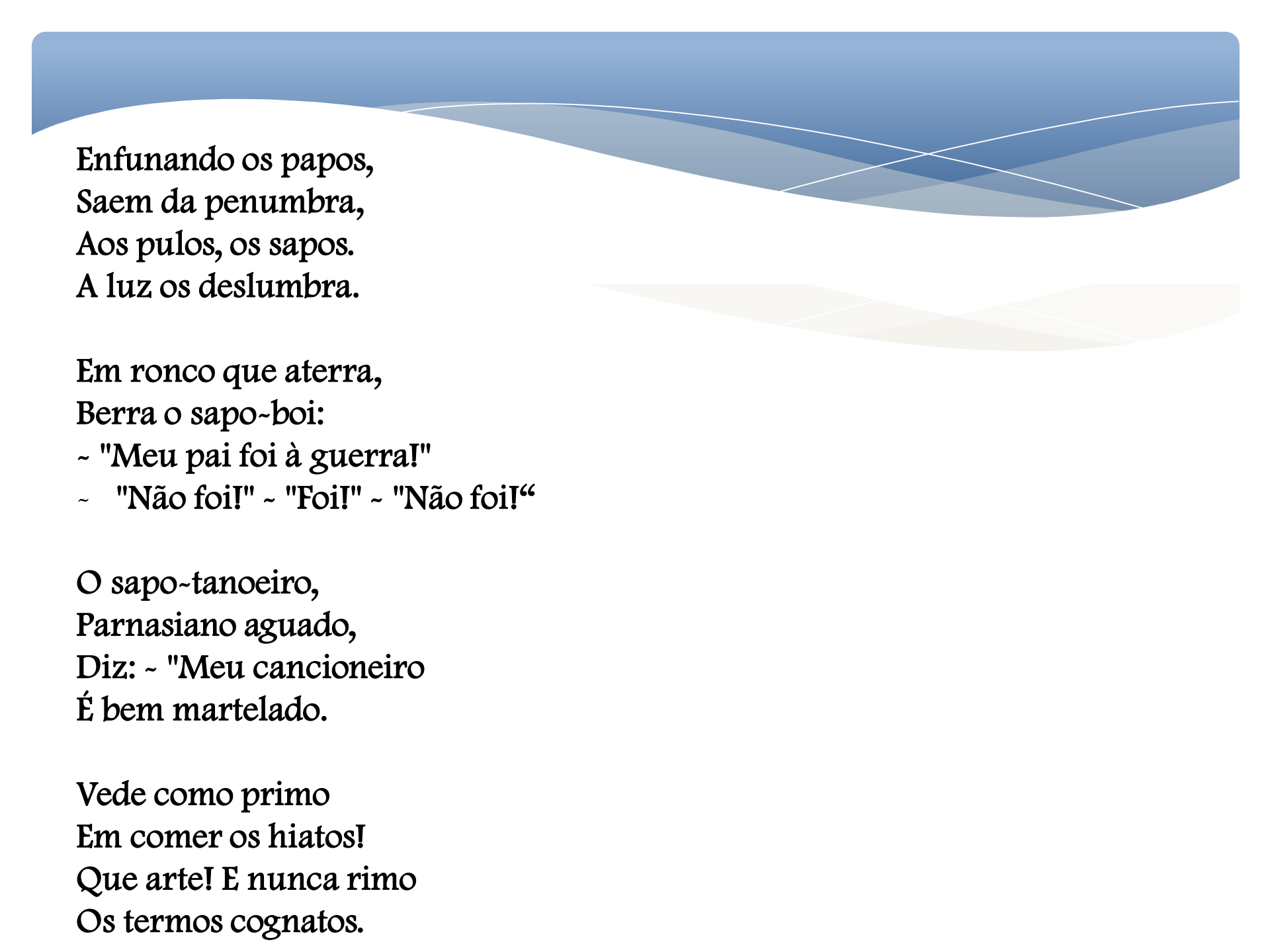
“A Escrava que não é Isaura”

Começo por uma história. Quase parábola.
Gosto de falar por parábolas como Cristo...
Uma diferença essencial que desejo estabelecer desde o princípio:
Cristo dizia: 'Sou a verdade'. E tinha razão.
Digo sempre: 'Sou a minha verdade'. E tenho razão.
A verdade de Cristo é imutável e divina. A minha é humana, estética e transitória. Por isso mesmo jamais procurei ou procurarei fazer proselitismo. É mentira dizer-se que existe em S. Paulo um igreja literário em que pontifico. O que existe é um grupo de amigos, independentes, cada qual com suas ideias próprias e ciosos de suas tendências naturais. Livre a cada um de seguir a estrada que escolher.
(...)



Mas a grande atração foi mesmo quando Ronald Carvalho leu '**Os Sapos**', de Manuel Bandeira, numa crítica aberta ao modelo parnasiano, o público fez um coro ironizando o refrão 'foi! Não foi! Foi!'.

Os Sapos' é uma crítica aberta ao modelo parnasiano, o público fez um coro ironizando o refrão 'foi! Não foi! Foi!'

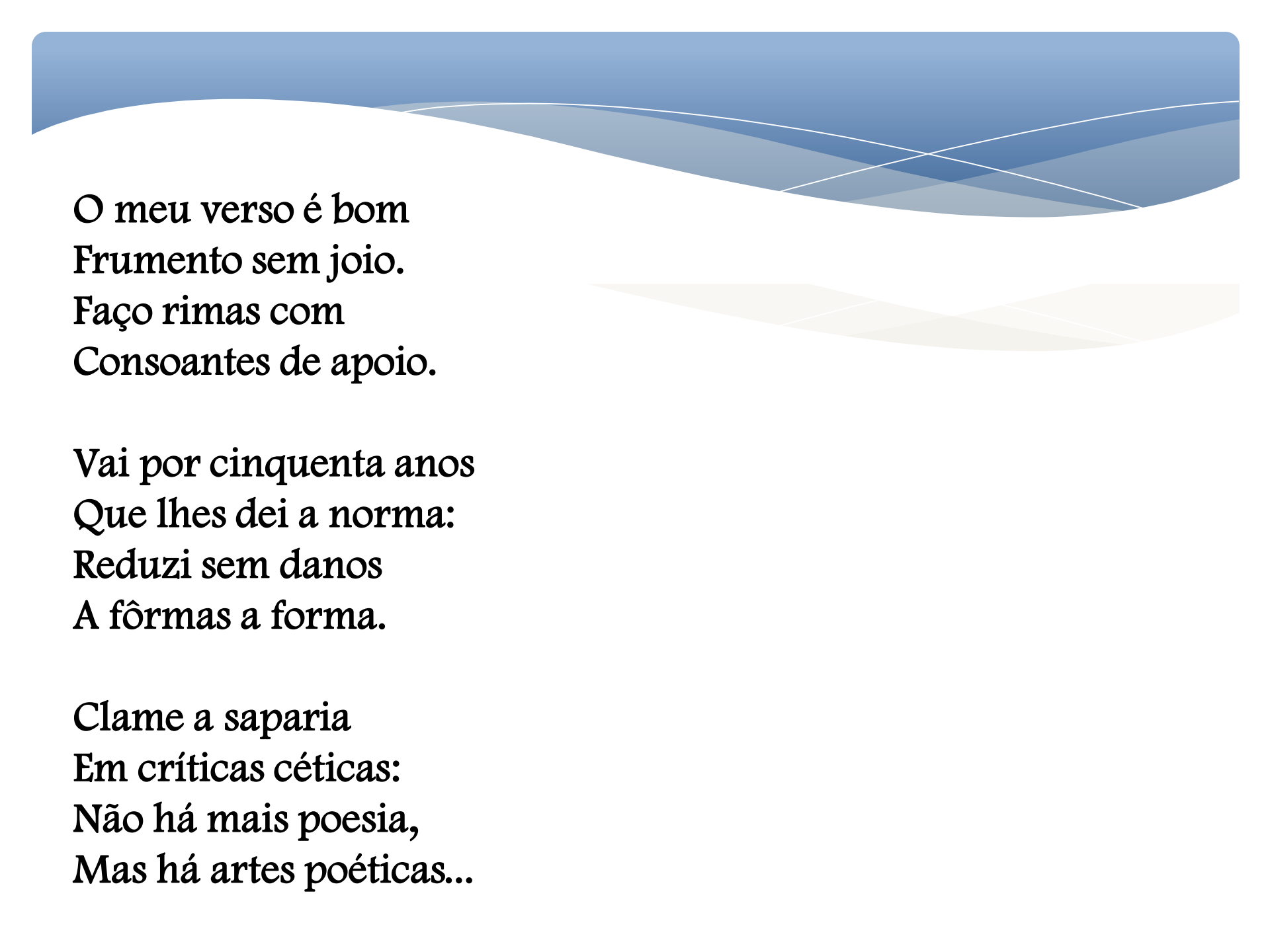


Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
~ "Meu pai foi à guerra!"
~ "Não foi!" ~ "Foi!" ~ "Não foi!"

O sapo~tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: ~ "Meu cancioneiro
É bem martelado.

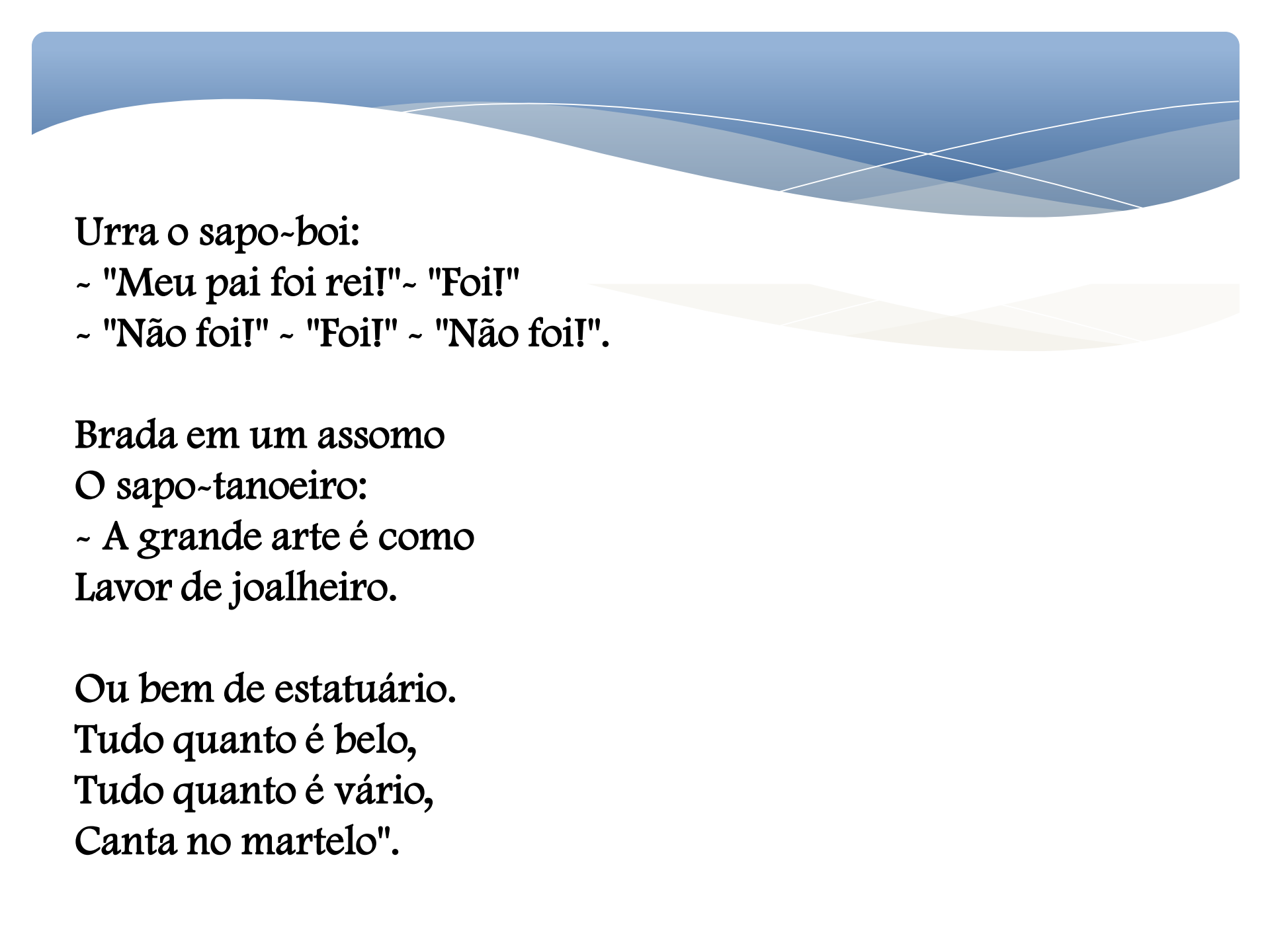
Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.



O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...



Urra o sapo~boi:

~ "Meu pai foi rei!"~ "Foi!"

~ "Não foi!" ~ "Foi!" ~ "Não foi!".

Brada em um assomo

O sapo~tanoeiro:

~ A grande arte é como

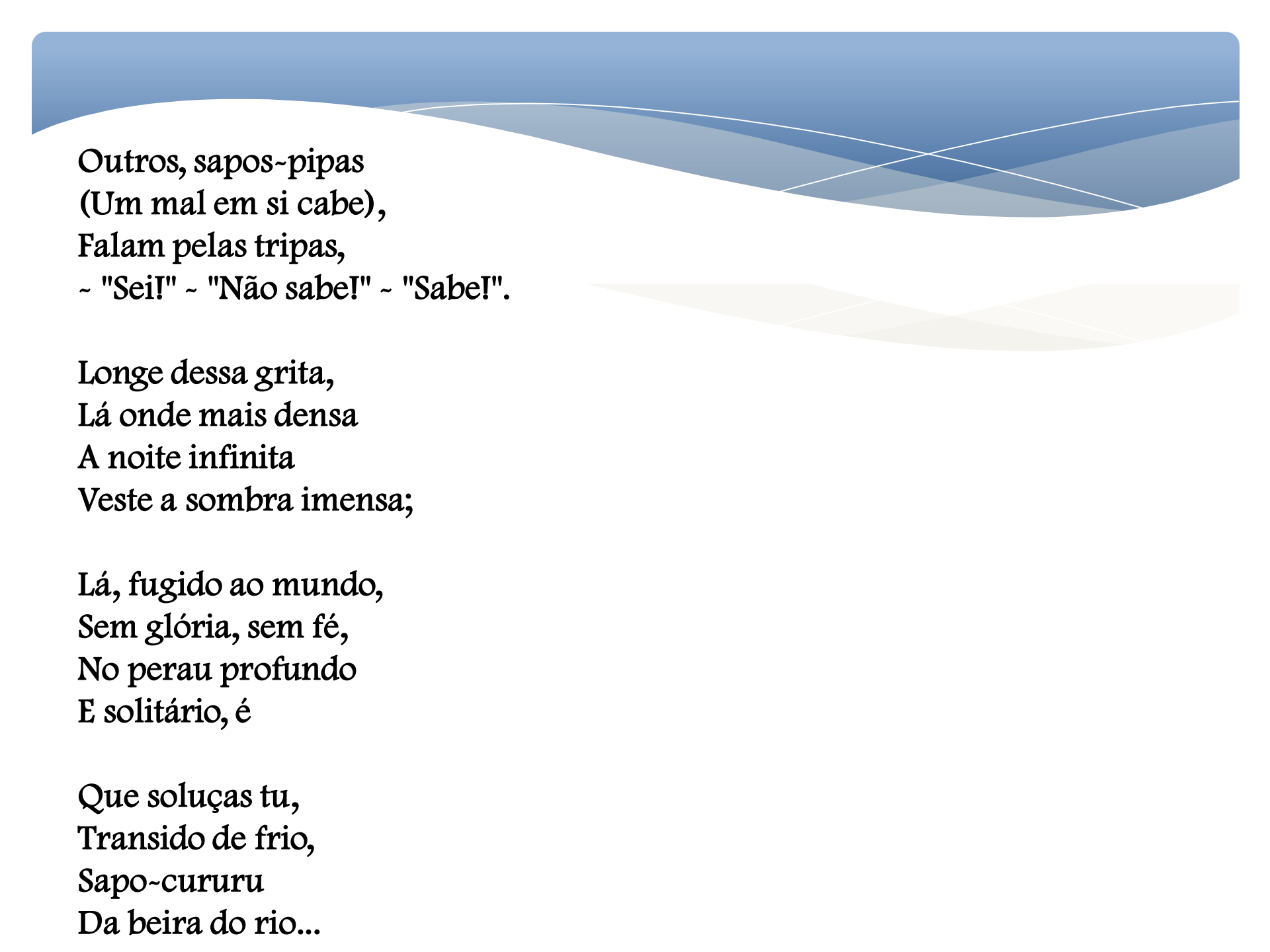
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.

Tudo quanto é belo,

Tudo quanto é vário,

Canta no martelo".



Outros, sapos~pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
~ "Sei!" ~ "Não sabe!" ~ "Sabe!".

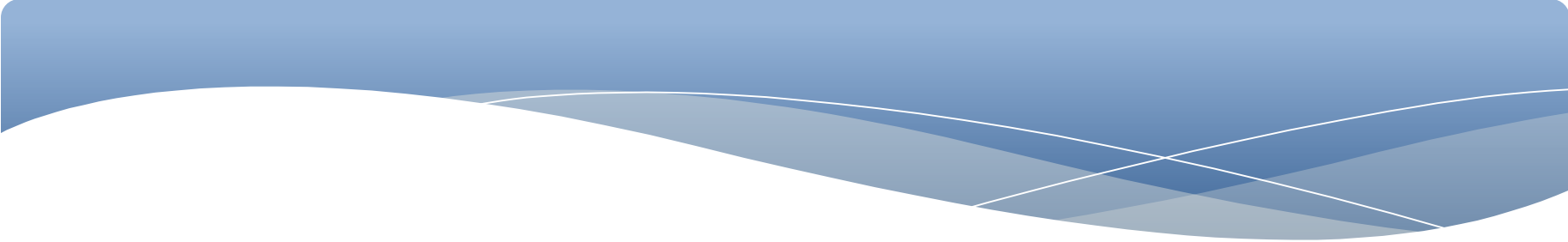
Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo~cururu
Da beira do rio...



A noite acaba em algazarra .



17/02/22 ~ Sexta-feira

O dia mais tranquilo da semana, com apresentações musicais de Villa-Lobos e a participação de vários músicos.

O público em número reduzido, portava-se com mais respeito, até que Villa-Lobos entra de casaca, mas com um pé calçado com um sapato, e outro com chinelo; o público interpreta a atitude como futurista e desrespeitosa e vaia o artista impiedosamente. Mais tarde, o maestro explicaria que não se tratava de modismo e, sim, de um calo inflamado .



Repercussão na Imprensa

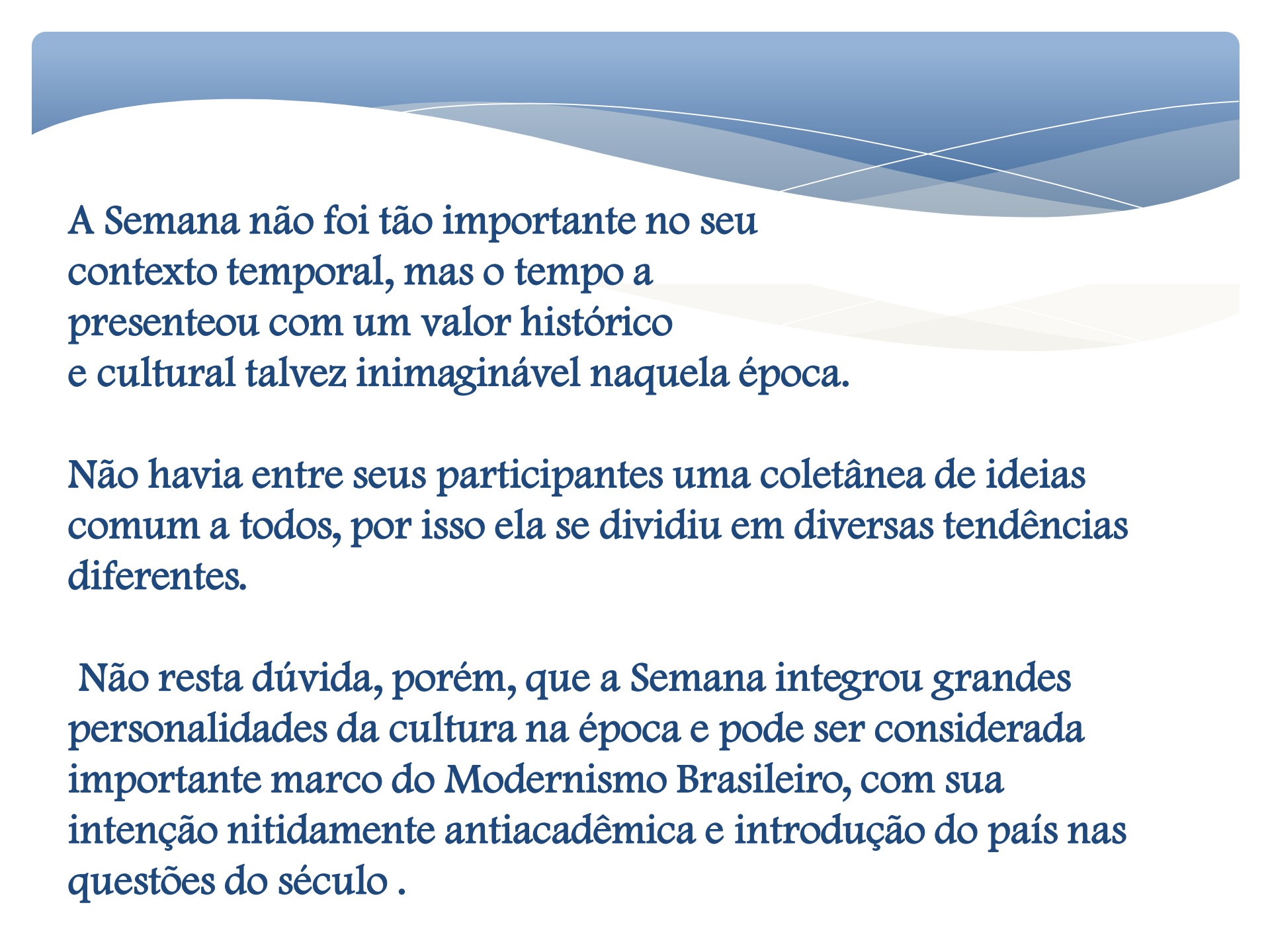
Veja o que os jornais diziam sobre o evento, nesse fragmento retirado de um dos mais conceituados da época:

'Ao público chocado diante da nova música tocada na Semana, como diante dos quadros expostos e dos poemas sem rima... Sons sucessivos, sem nexos, estão fora da arte musical: são ruídos, são estrondos... são disparates como tantos e tão cabeludos que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri a bandeira despregada.'



Resultados

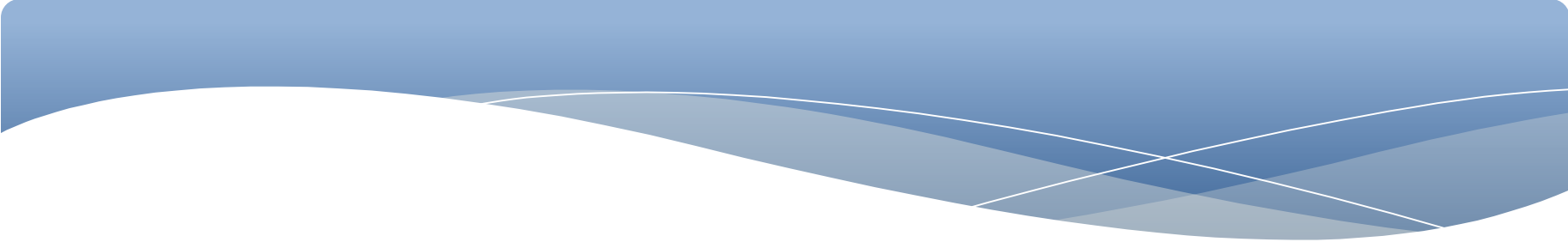
Apesar das vaias e da dura crítica da imprensa nossas artes jamais foram as mesmas. Logo em seguida é lançada a revista Klaxon, porta-voz das ideias modernistas, herdeiros da Semana de 1922.



A Semana não foi tão importante no seu contexto temporal, mas o tempo a presenteou com um valor histórico e cultural talvez inimaginável naquela época.

Não havia entre seus participantes uma coletânea de ideias comum a todos, por isso ela se dividiu em diversas tendências diferentes.

Não resta dúvida, porém, que a Semana integrou grandes personalidades da cultura na época e pode ser considerada importante marco do Modernismo Brasileiro, com sua intenção nitidamente antiacadêmica e introdução do país nas questões do século .



A própria tentativa de estabelecer uma arte brasileira, livre da mera repetição de fórmulas europeias foi de extrema importância para a nossa cultura e a iniciativa da Semana, uma das pioneiras nesse sentido.

Aliás, o principal legado da Semana de Arte Moderna foi libertar a arte brasileira da reprodução nada criativa de padrões europeus, e dar início à construção de uma cultura essencialmente nacional.

